

PROGRAMA DA LISTA E

OS ESTUDANTES AO LADO DO POVO SOB A DIRECÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA



POR UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR

"ESTUDANTES AO LADO DO POVO E SOB A DIRECÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA"

"POR UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR"

EFFECTIVOS

Direcção:

1. José Lamego - 3º de Direito
2. Reis Martins - 5º de Direito
3. Dehen Mendes - 2º de Direito
4. Morgado - 4º de Engenharia Civil
5. Valente d'Almeida - 2º de Direito
6. Zé Leite - 4º de Direito
7. Luísa Dias - 2º de Direito

Mesa da A.G.:

1. Martins - 2º de Direito
2. Antunes - 3º de Engenharia Civil
3. Fátima - 3º de Medicina
4. Mário Jorge - 5º de Engenharia Civil

Conselho Fiscal:

1. Machado - 2º de Medicina
2. Maria José Vaz da Costa - 2º de Matemáticas
3. Lourenço - 2º de Medicina

SUPLENTE

Direcção:

1. Curado - 4º de Engenharia Civil
2. Pereira - 3º de Direito
3. Lavadinho - 2º de Direito
4. Manuel Seixas - 2º de Medicina
5. Mesquita - 5º de Engenharia
6. Neves - 2º de Direito
7. Eduardo Mota - 4º de Direito

Mesa da A.G.:

1. Manuel António Silva - 3º de Engenharia Civil
2. Maria dos Prazeres - 2º de Filosofia
3. Rafael - 2º de Engenharia Electrotécnica
4. Peixoto - 2º de Medicina

Conselho Fiscal:

1. Cabrita - 2º de Direito
2. Júlio - 3º de Direito
3. Ivone - 4º de Germanicas

AOS ESTUDANTES DE COIMBRA

CAMARADAS:

1 - Nos nossos dias, o mundo em que vivemos é assolado de uma ponte a outra por uma fantástica desordem. A "*harmonia universal*", pregada aos quatro ventos, pelos apóstolos do capitalismo, traduz-se nas guerras, na miséria, na fome e na humilhação da maior parte da humanidade. Nos países ditos "*civilizados*", assiste-se à inacção, à destruição das forças produtivas, ao encerramento de fábricas e oficinas, ao desemprego de mais de 20 milhões de trabalhadores, à brutal exploração e opressão das massas populares que sustentam sobre as suas costas um punhado de parasitas que nada produz e que, de igual modo, faz abater sobre os povos das nações oprimidas de todo o mundo a mais vil e desenfreada exploração e saque, a política que conduz à morte e que lança dia a dia milhares e milhares de homens e mulheres na fome, na doença, na subcultura, no sofrimento e na miséria.

Se tal acontece é porque o capitalismo atingiu o seu último estágio de desenvolvimento, a sua fase última e agonizante de exploração do homem pelo homem - o imperialismo. Se tal acontece é porque uma formidável crise lança este sistema podre e corrupto na derrocada final, é porque os povos do mundo inteiro se erguem contra tal estado de coisas e ousam fazê-lo em pedaços. Desponta a aurora da libertação para todos os explorados. Os povos estão perto da vitória, ao passo que todos os reacconários estão à beira da derrota.

Firmemente unidos numa sinistra plataforma - a de explorar mais e cada vez mais os povos de todo o mundo - imperialistas ianques e social-imperialistas soviéticos confabulam-se em visitas e conferências, tratados e acordos, protocolos e negociatas sobre quais as melhores formas de dividir o produto do saque, sobre quais as melhores formas de manterem a dominação dos povos do mundo inteiro, ao mesmo tempo que se envolvem em guerras intestinas pela parte maior do quinhão, pela hegemonia de cada vez mais largas esferas de influência. No momento actual, as duas super-potências viram-se para a Europa no sentido de aí delimitar as suas coutadas e é desse

modo que a nossa pátria é, na situação política actual, jogo dos seus interesses, das suas disputas.

A política colonial-fascista, servil lacaios do imperialismo norte-americano, abre falência na nossa pátria, incapaz de sustentar o avanço poderoso da luta popular e impossibilitada de solucionar a crise que abalava até aos mais profundos alicerces a nossa pátria. A repressão fascista era estilhaçada pela firme união do combate comum do Povo português e dos Povos irmãos das colónias.

Ao proclamar a "liberdade" e "democracia", a nova clique no poder, que a burguesia se viu obrigada a fazer substituir ao anterior governo de Marcelo Caetano, mais não visa do que desviar o crescente movimento popular revolucionário dos seus reais objectivos, das suas mais profundas aspirações. Pôr a classe operária e o Povo a reboque das pretensões da burguesia liberal, tal a política dos novos governantes que, rapidamente e a um ritmo vertiginoso, foi denunciada e firmemente combatida pelas massas populares.

O 25 de Abril abriu as portas a uma nova correlação de forças no que diz respeito à dominação imperialista no nosso país.

Deste modo, novos imperialismos e em especial o social-imperialismo revisionista soviético invadem a nossa pátria e tomam as primeiras medidas para calcarem a seus pés o Povo Português. A coberto de realizações culturais e artísticas e de transações económicas, o social-imperialismo soviético vai ganhando posições, ao mesmo tempo que cria as condições necessárias para o seu reforço e consolidação.

Este novo leque de dominação imperialista encontra o seu reflexo nos próprios partidos políticos e na coligação governamental e desde o C. "D.S." - representante da CIA - ao P.C.P. de Barreirinhas Cunhal - agência dos novos czares do Kremlin - passando pelo "PPD" e "PS" - sucursais do imperialismo europeu-todos estão de acordo quanto à intensificação da exploração do povo português, divergindo apenas quanto aos métodos e formas a utilizar e a qual amo deve ser entregue o fruto do suor e do trabalho da classe operária e do Povo português.

O MFA, o seu programa, é a plataforma mínima de todas as camadas e facções da burguesia, e por isso vemos todos os seus partidos, face ao

avanço impetuoso do movimento popular revolucionário, gritarem histericamente e em coro pela *"aliança do povo com as Forças Armadas"*, pela *"aliança do povo com a MFA"*.

Todavia, e a despeito de toda a orquestração que tem por fim fazer ajoelhar a classe operária e o Povo e atrelá-los à sua política a burguesia não consegue solucionar a grave crise política, social económica e militar que originou o 25 de Abril, e esta crise tende a agravar-se na medida em que as suas raízes, a ditadura dos monopólios e do imperialismo, não foram extirpadas e se mantêm presentemente intactas.

Três crises principais, no essencial, estalaram já desde o 25 de Abril e, na situação actual, uma 4.^a crise, mais prolongada e mais profunda, atinge o seu grau máximo de expressão. Elas existiriam, existem e continuarão a existir até que uma transformação radical da sociedade se opere, em virtude de todas assentarem na base do sistema de exploração do homem pelo homem, na base do sistema capitalista. Apenas os partidos da burguesia, todos os oportunistas e reaccionários tentam fazer crer que essas crises se devem e são motivadas pela luta da classe operária e do Povo, pela acção dos revolucionários. De facto, nenhum partido, nenhuma organização política, nenhuma classe social nunca poderão provocar uma crise e unicamente poderão definir a sua posição e a sua tática face a ela. Defender o contrário é tentar lançar para as costas dos trabalhadores, da classe operária e do Povo Português o que apenas os seus inimigos procuram manter: a sua desenfreada exploração. Aos revolucionários cabe a tarefa de persuadir as massas de que só através da destruição violenta dos monopólios e do imperialismo será possível encontrar solução para os males que grassam na nossa sociedade.

O *"Plano Económico de Emergência"*, verdadeira declaração de guerra da burguesia à classe operária e ao Povo, integra-se neste contexto e traduz-se na intensificação acelerada da exploração, no aumento infernal dos ritmos de trabalho, no aproveitamento da mão de obra barata (o que passa pela criação do chamado *"serviço cívico estudantil"*), no agravamento do desemprego, por outras palavras, em lugar dos *"dias de trabalho para a nação"* do *"Domingo de Trabalho para a Nação"*, 3 anos de trabalho para a Nação. Esta é a via em que a burguesia aposta para solucionar a crise, no senti-

do em que a adia por algum tempo, procurando fazer com que sejam a classe operária e o Povo Português os pagadores dos seus dividendos.

A questão colonial é uma questão de extraordinária importância na situação política actual e a nossa atitude deve ser a de defender intransigentemente o princípio da completa independência política, económica e cultural para os Povos das colónias.

Aparentemente, a guerra colonial-imperialista parece estar paralisada. E, de facto, nos três países em que essa guerra se vinha a desenvolver, foram estabelecidos acordos que são uma consequência da vitória dos Povos das colónias e da luta do Povo Português. Todavia, não podemos alimentar ilusões acerca desta questão e a nossa posição não deve ser única e simplesmente clamar pela Paz, mas sim lutar por ela. Se essa luta não continua, os resultados é que os interesses dos monopólios, os interesses dos colonialistas serão impostos aos povos de Angola, Moçambique, da Guiné e das outras colónias. A Junta e o Governo Provisório, como órgãos que são da dominação imperialista na nossa Pátria, defendem as posições dos imperialistas e procurarão esvaziar de conteúdo a independência que os Povos das colónias conquistaram ou estão a conquistar.

A nossa tarefa é a de exigir a entrega imediata aos Povos da gestão dos seus destinos e a não intromissão em nenhuma das questões que lhes são internas. Sober isso a juventude estudantil tem que exercer uma constante vigilância, se não quiser que o colonialismo continue sobre a forma de neo-colonialismo, e colonialismo ou neo-colonialismo são a guerra.

De dia para dia, os supremos interesses da burguesia e dos imperialistas são cada vez mais confiados ao partido social-fascista de Barreirinhas Cunhal, no qual toda a casta de exploradores deposita a sua total confiança, ao considerar que este partido traidor é o que se encontra em melhores condições para adormecer o Povo e trair a sua luta ou para submetê-lo a uma nova ditadura, a ditadura social-fascista.

Deste modo, o "PCP" reforça, momento a momento, as suas posições no aparelho de estado e a sua política vê-se consagrada nos decretos-leis. Ao mesmo tempo, fascistas, pides e legionários, organizam-se e ensaiam os primórdios da contra-revolução, seja através da criação de partidos legais, como é o caso do "CDS", seja através da formação de brigadas que treinam lu-

tas de guerrilhas junto à Fronteira de Badajoz. Ao mesmo tempo, o COPCON, as ordens da Junta e do Governo, prende anti-fascistas e liberta toda a espécie de contra-revolucionários e pides, ensaia também operações do tipo "*Mãos Dadas*" e "*Nortada*" que mais não visam do que tomar o pulso ao estado de espírito das massas desta ou daquela região, tentar impôr-lhes o seu controle e exercitar as táticas de guerrilhas e contra-guerrilhas, preparando-se para a guerra que, mais cedo ou mais tarde, sabem que será inevitável.

Esta, a situação política mais geral, encontra o seu reflexo bastante agudo nas escolas. De igual modo, aqui, o seu programa é votado ao fracasso e a sua política de "*pôr a escola a funcionar*" não resulta. As massas estudantis esguem-se na luta contra a escola burguesa e as suas reformas, demascaram as palavras mansas e enganadoras dos apêndices "*UEC-UNEP*" e de todos os conciliadores. A reforma Veiga Simão, agora "*Geral e Democrática*", é firmemente combatida pelos estudantes e as suas aspirações a uma Escola Nova, Democrática e Popular são cada vez maiores e aumentam de dia para dia.

Os estudantes são um agrupamento social heterógeneo oriundo das mais diversas classes e camadas de massa da nossa sociedade, sendo, no essencial, de origem pequeno-burguesa.

Todavia, pela sua juventude, pelo seu acesso à cultura e à informação, pela sua aspiração ao progresso e à justiça social, a larga maioria dos estudantes desejam firmemente servir o Povo, lutar ao seu lado e aceitar voluntariamente a direcção da classe mais avançada da sociedade, a classe operária.

A juventude estudantil tem uma larga tradição na luta revolucionária anti-fascista, colocando-se actualmente como vanguarda da luta contra o social-fascismo. As amplas massas de estudantes devem promover a solidariedade activa e militante com as lutas da classe operária e do povo e lutar pela integração da sua vida e da sua prática na vida e na prática das massas populares. O comportamento exemplar da juventude estudantil, aquando das greves de Vieira de Leiria e mais recentemente, da greve das operárias da indústria conserveira de Olhão, são um marco importante dessa união demonstram como os estudantes se podem organizar e mobilizar para

apoiar de todas as formas que tiverem ao seu alcance, as lutas da classe operária e do Povo. Campanhas de solidariedade, de divulgação e outros sectores do povo, de participação activa nas lutas que as massas populares conduzem de norte a sul do país, inscrever na sua bandeira, e à frente das suas próprias reivindicações as aspirações da classe operária e do Povo tal a política que devem seguir as amplas massas estudantis no sentido de reforçarem a sua união com as massas populares na luta contra a fome, a miséria, o desemprego, toda a vil exploração a que estão sujeitas.

Defender a criação dos sindicatos estudantis, o chamado sindicalismo estudantil, é lutar contra esta firme união, contra a integração da luta e da prática revolucionária dos estudantes na luta e na prática revolucionária do Povo Português. É pretender encerrar os estudantes nas paredes das suas escolas e das suas associações, cortando-lhes o contacto com o exterior. É ignorar que os estudantes não têm interesses de classe a defender, é pretender limitar os estudantes à luta académica e reivindicativa, afastando-os das lutas da classe operária, e impedi-los de colocarem as reivindicações da classe operária à frente das suas.

A classe operária está ao ataque, o Povo ergue-se em luta de norte a sul do país! Nós, estudantes progressistas, afirmamo-nos solidários com a sua luta, colocamos as reivindicações da classe operária à frente das nossas próprias, declaramos trilhar a via gloriosa do camarada Ribeiro Santos, a via dos estudantes ao lado do Povo e sob a direcção da classe operária, e denunciámos:

--- O abandono da nossa Pátria ao saque imperialista; a venda do nosso País e do nosso Povo às superpotências; a intensificação da dominação e exploração imperialista; as suas manobras militares e a venda a retalho de Portugal para as suas bases militares e atómicas; a presença no nosso país, de agentes das suas polícias secretas nomeadamente da CIA e da KGB, assim como as acções contra revolucionárias que vêm mantendo; a continuação dos acordos e pactos secretos selados pela camarilha marcelista, como a NATO, o Pacto Ibérico, a Comunidade Luso-brasileira, a Aliança Anglo-Portuguesa; a opressão cultural imperialista e social imperialista através da rádio, cinema, televisão, livros, revistas, jornais, etc..

--- A política neo-colonialista da Junta e do Governo Provisório, em especial face a Angola, Timor, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe; a continuação dos embarques e o não regresso dos soldados o que constitui a possibilidade constante do desencadeamento da guerra imperialista; a intensificação da repressão militarista nos quartéis.

--- A continuação da miséria das massas camponesas e o agravamento da sua situação económica, nomeadamente o aumento do preço dos adubos e instrumentos de trabalho; a não restituição dos baldios ao Povo; o desemprego dos assalariados agrícolas; o atraso cultural e o obscurantismo.

--- O desprezo a que é votada a situação dos emigrantes; o levantamento de toda a série de obstáculos ao seu regresso e a continuação da emigração em massa; a utilização, em benefício dos capitalistas, dos envios de remessas em dinheiro; a manutenção de sinistros acordos com os imperialistas franceses e alemães face a essa questão.

--- A intensificação da exploração e miséria sobre o nosso Povo; o desemprego de cerca de 200 000 trabalhadores; a subida galopante do custo de vida; os salários de fome; a sobrevivência dos bairros de lata, da subalimentação e da doença; do reforço do poder dos monopólios e do imperialismo; a preparação do "Plano Económico de Emergência" que visa o intensificar da exploração.

--- O carácter anti-popular e anti-científico da escola burguesa; o analfabetismo e a discriminação política, social e económica do ensino; o carácter reaccionário da reforma "Geral e Democrática" nova capa da "reforma Veiga Simão"; o chamado "serviço cívico estudantil"; a permanência dos fascistas nas escolas; a selecção burguesa e os exames; o controle social-fascista das escolas e das AAEE.

--- Os decretos anti-democráticos e anti-populares da Junta e do Governo Provisório, como a lei anti-greve, a lei fascista da informação, a lei eleitoral, a lei contra o direito de reunião, a lei dos partidos, etc.; a prisão dos anti-fascistas e a libertação dos pides e legionários; o controle social-fascista da informação; e a repressão sobre a imprensa popular; a manutenção das polícias fascistas, como a PSP, a GNR; a repressão sobre o Povo em diversas manifestações; o assassinato de Victor Bernardes e a repressão sobre os trabalhadores em greve, etc..

Nós estudantes progressistas, denunciámos veementemente a continuação desta política anti-popular.

Nós, estudantes progressistas, consideramos que só a transformação radical desta sociedade e a construção duma sociedade nova, sem exploração, nem opressão sobre a classe operária e o Povo Português, trará a todos nós a escola nova, científica e de massas, a Escola Democrática e Popular, ao serviço dos operários e camponeses.

Nós apelamos a todos os estudantes democratas, antifascistas e patriotas, a trilharem a via do camarada Ribeiro Santos, a via dos estudantes ao lado do Povo e sob a direcção da classe operária!.

1. QUE TÊM SIDO ATÉ AGORA OS "PROGRAMA" E OS "REGULAMENTOS" APRESENTADOS AOS ESTUDANTES?

QUAL O SEU SIGNIFICADO?

QUAIS OS SEUS OBJECTIVOS?

Se os camaradas repararem bem no que têm sido até agora os "programas" dos oportunistas, reformistas ou neo-reformistas, verão o seguinte: sempre que se desenvolvem e aprofundam as lutas estudantis, sempre que se preparam ou encetam novas frentes de luta, eis que, em extremo, surge para as tentar travar e derrotar o sacrosanto argumento do "programa". Explicando: porque em determinada fase do desenvolvimento da luta, da sua consciência política, os estudantes aprovaram determinado "programa", numa fase posterior de avanço dessa luta, por objectivos políticos novos e mais avançados ou até qualitativamente diferentes, eis que bradam todos os reaccionários em coro: *"as decisões das massas não estão de acordo com o "programa", vão mesmo contra ele e por isso essas lutas não se podem desencadear e desenvolver!"*. Por exemplo: quando logo após do 25 de Abril os reformistas da "UEC-UNEP" se lançaram ao assalto às AAEE, aproveitando-se de algumas ilusões ainda existentes nalguns sectores das massas estudantis, aprovaram de golpe no seu "programa" o apoio ao MFA e aos actuais órgãos do poder burguês, o que aconteceu foi que, ainda há bem pouco tempo, perdidas todas as ilusões acerca da natureza de classe do poder de estado, da sua Junta e Governo Provisório quando as massas estudantis se determinaram muito justamente em lutas pela libertação dos camaradas soldados anti-fascistas, presos pelo COPCON, às ordens dessa mesma Junta e Governo Provisório, logo apareceu, como de costume, para tentar impedir que essa luta se erguesse e avançasse, o peçonhento e reaccionário argumento dos reformistas, nesse caso concreto pela boca dos traidores da "UEC - UNEP", de que *"os estudantes tinham de*

cidido escolher um "programa" que não permitia atacar a Junta, o Governo Provisório e o MFA! ". O mesmo viria a acontecer, por exemplo, aquando da expulsão pelas amplas massas estudantis da D.G. dos social-fascistas da "UEC-UNEP", impossível, na sua opinião bacoca, porque essa hipótese não vinha no programa que os estudantes haviam aprovado e que eles diziam se guir consequentemente! ". Quer dizer: foi necessário explicar muito bem a essa canalha que quando as massas estudantis os expulsaram da D.G. da A. A.C., estava obviamente implícito que estes levariam consigo, feitos em pedaços, todos os seus famigerados, reaccionários e contra-revolucionários "programas , regulamentos mínimos provisórios"etc., etc..

Mas já se aperceberam também os camaradas que aquando da substituição dos reformistas da "UEC-UNEP" na D.G. da A.A.C. pelos seus cachorros de trela curta, os neo-reformistas dos Núcleos Sindicais de Base, se no essencial do seu programa e da sua actuação só se distinguiram dos primeiros pelas sua incapacidade política de fazer seja o que for - (note-se por exemplo que a única vez que fizeram balanço da sua "actividade", primeira assembleia magna de Janeiro, este se reduzia ao combate à luta pela libertação do soldado Etelvino!), vão ao cúmulo de mês e meio após a expulsão dos reformistas da "UEC-UNEP" da D.G. ainda regerem a A.A.C. pelo mesmo "regulamento mínimo provisório" social-fascista que tinha estado na origem da decisão das massas estudantis de expulsar esses contra-revolucionários! Aliás, e isto tudo é suficiente para avaliar mos bem a natureza destes oportunistas, o desejo de o manterem e desenvolver está ainda bem patente na sua proposta de regulamento eleitoral que em nada differe quanto ao essencial da dos traidores reformistas da "UEC-UNEP".

Todos os "programas", todos os "regulamentos", mínimos ou máximos, provisórios ou definitivos hoje apresentados, só têm sido erguidos, sem excepção, por toda a espécie de reaccionários que os propõe para dizer aos estudantes as lutas que eles não devem travar, para tentar impedir ou fazer recuar as lutas que as massas ousam desencadear, em suma, para dizer aos estudantes o que é proibido fazer!

Nunca vimos empunhar esses "programas", ou esses regulamentos para despertar e dirigir as megatoneladas de energias criadoras das mas

sas estudantis nas suas lutas pelo Progresso e Justiça Social.

Entre a casca e o caracol existe a mesma relação que entre os regulamentos mínimos ou máximos, entre a burocracia e a opressão e os traidores reformistas de todos os matizes e demais oportunistas - ambos não conseguem sobreviver um sem o outro, o caracol sem a casca e os traidores reformistas e neo-reformistas sem os seus burocráticos e opressivos "programas" e regulamentos, ou seja, a superestrutura jurídica de que se servem para oprimir e tentar esmagar a luta de massas. Mas o que é certo é que mesmo muito antes do que eles pensam será a luta de massas a esmagá-los.

2. QUAIS SÃO OS NOSSOS OBJECTIVOS? QUAL O NOSSO PROGRAMA? QUAIS OS ALVOS DA NOSSA LUTA?

Na situação actual o que as massas estudantis têm a fazer não é substituir uma direcção por outra, mas transformar radicalmente a própria natureza da A.A.C. de um órgão de serviços, de um órgão burocrático de opressão das massas estudantis, de uma coutada partidária, num organismo vivo, aberto de par em par à ampla participação das massas, que desenvolva e canalize todas as suas energias criadoras no sentido do progresso na luta anti-fascista e anti-imperialista pela Democracia e a Liberdade. O que a situação actual exige é a sua transformação num órgão de vontade popular das massas estudantis de Coimbra. Isto é, naquilo que ela já foi nos passados dias 10 e 11 de Dezembro. Nestes dias, aquando da expulsão dos social-fascistas com ocupação da A.A.C. pelos estudantes, largos sectores das massas estudantis viveram uma das mais importantes experiências de sempre do movimento estudantil de Coimbra. Eles viram como era possível na base da ampla mobilização dos estudantes em assembleia permanente pela noite adiante, pôr em funcionamento sem qualquer

tipo de burocracia e com a participação de centenas de estudantes uma AE. Eles viram como é inesgotável a energia criadora das massas, eles viram na prática o que significava para nós um órgão de vontade popular das massas, eles viveram uma AE das amplas massas verdadeiramente controlada por elas, tiveram, em suma, a possibilidade de aprender, muito melhor do que poderiam fazer as mais belas frases, o que significava para nós os três princípios porque deve reger-se uma AE: uma organização anti-fascista, democrática e de massas, o que é, aliás, uma aspiração profunda dos estudantes de Coimbra.

Esta transformação da AAC num verdadeiro órgão de vontade popular das massas estudantis é de grande importância para o desenvolvimento da luta de massas dos estudantes (daí o facto de propormos juntamente com este programa à aprovação das massas estudantis uma proposta de Estatutos, Regulamento da Assembleia Magna como que fazendo parte integrante dele). Isto porque o seu carácter anti-fascista democrático e de massas é por assim dizer o meio ambiente que permite que o nosso programa seja feito o programa das amplas massas de estudantes e as suas lutas pela Liberdade, pela Democracia e o Progresso se desenvolvam e aprofundem.

O programa dos estudantes progressistas e revolucionários só pode ser um: o de fazer com que as massas estudantis tornem seus o programa e as reivindicações progressistas do povo português, colocando-as sempre antes das suas próprias reivindicações, aceitem voluntariamente a direcção da classe mais avançada da sociedade - o proletariado revolucionário. (*)

Dentro destes princípios o nosso programa só poderá ser a cada momento a síntese das aspirações das massas e o espírito que nos deverá animar para a sua concretização em cada frente de luta só poderá ser, na situação actual e nesta ordem de ideias, o da classe operária e do povo sempre vitoriosos, o espírito de remover montanhas e de ousar lutar para ousar vencer.

O alvo principal da luta académica dos estudantes é a política reacção da burguesia para a escola e as suas reformas mesmo que sob vestes de "*Gerais e Democráticas*", e o seu inimigo principal continuam a ser os agentes da execução dessa política - os social-fascistas da "UEC-

-UNEP".

Sendo este o inimigo principal das massas estudantis em luta pela Liberdade, pela Democracia e por uma Escola Democrática e Popular, numa sociedade em que o poder esteja na posse dos operários e camponeses, existem ainda, e quase exclusivamente no meio estudantil, uma serie de correntes oportunistas, anarquistas, anarco-sindicalistas, trotskistas, neo-reformistas, etc., que urge dar combate sem tréguas e varrer definitivamente do movimento estudantil. Esta luta deve tomar um aspecto particularmente intenso em relação aos neo-reformistas, paus-mandados dos reformistas da "UEC-UNEP", e a toda a espécie de conciliadores cujos objectivos são o de impedir que a classe operária exerça a sua direcção no movimento de massas dos estudantes, e substituir-se na aplicação da politica contra-revolucionária dos reformistas quando estes são escoraçados pelas massas.

3. QUAL A SITUAÇÃO ACTUAL NO MOVIMENTO DE MASSAS DOS ESTUDANTES?

QUAIS AS PRINCIPAIS FRENTES DE LUTA?

QUAL DEVERÁ SER A POSIÇÃO DOS ESTUDANTES PROGRESSISTAS E REVOLUCIONÁRIOS FRENTE A CADA UMA DELAS?

A profunda crise que assola a sociedade capitalista portuguesa abriu, após o 25 de Abril, grandes e novas frentes de luta para o movimento de massas estudantis.

Esta crise que se desenvolve e aprofunda na sociedade em geral não encontra já a sua solução dentro dos quadros da podre sociedade capitalista.

A burguesia não pode satisfazer as reivindicações da classe operária e do povo e esta tem já a consciência disso. No seu estreitor, numa última tentativa para se salvar da crise mortal em que se atola, a bur-

guesia só vê uma saída: aumentar desenfreadamente a exploração e a miséria da classe operária e do povo - eis o seu programa de emergência.

A revolução, camaradas, coloca-se na ordem do dia e também na escola a burguesia, com o seu sistema irracional, já não pode governar. Se na sociedade em geral, dia a dia, o proletariado se apressa a reunir as condições que lho permitam fazer a tomada do poder constitui o seu "Plano Político de Emergência" -, na escola a situação é excelente e abrem-se largos horizontes na luta das massas estudantis colocadas ao lado do Povo e sobre a direcção da classe operária.

A) A QUESTÃO DO TRABALHO FORÇADO ESTUDANTIL PARA 28.000 ESTUDANTES.

Dentro do plano de emergência da burguesia, cujo único objectivo é aumentar a exploração e a miséria do povo no sentido de lhe permitir acumular os lucros necessários e superar a crise mortal que a atinge, encontra-se o plano de trabalho, dito "serviço sívico", muito eufemisticamente Estudantil.

Esta medida é tentada passar por todos os oportunistas, com especial relevo para os social-fascistas da "UEC-UNEP", como uma medida progressista, no sentido em que seria uma forma de integrar as massas estudantis nas massas de operários e camponeses. Mas isto não é verdade, bem pelo contrário, esta medida que lançaria no mercado de trabalho milhares e milhares de novos trabalhadores, só agravaria o desemprego, a fome, a miséria que já grassa nas grandes massas do Povo Português.

Esta proposta de "serviço sívico" para os 28.000 estudantes do primeiro ano da Universidade não é a única reacçãoária e anti-popular que existe, como é natural, acerca desta questão. Uma série de conciliadores, com destaque para os neo-reformistas e anarco-sindicalistas, apresentaram uma variante da primeira que no essencial nada difere dela: diz, quanto à forma de como se deverá propessar o Trabalho Forçado Estudantil, que não só os estudantes do primeiro ano a ele estão obrigados bem como todos os outros em sistema rotativo de abandono da Escola. Isto é, que

ainda mais estudantes deixem de poder estudar e muitos mais trabalhem de poder trabalhar!

Quais os objectivos desta casta bacoca de reaccionários?

Em primeiro, tentam aprovar, sob outra embalagem, a proposta anti-popular dos social-fascistas da "UEC-UNEP", fieis servidores da política reaccionária do MEC que os estudantes rejeitaram por toda a parte.

Em segundo lugar, proporcionar à burguesia um exército de mão de obra barata e um exército estudantil de reserva, suficientemente numeroso que permita a baixa dos salários, isto é, aumentar de tal ordem o número de desempregados, a fome e a miséria para que estes sejam obrigados a vender a sua força de trabalho, ante o espectro da morte, por uma còdea e a burguesia se permita, assim, acumular os lucros necessários para superar a crise.

Em terceiro lugar, o seu objectivo é apanhar a última carruagem do comboio do "serviço sívico" para chegar junto do povo que foi onde estes oportunistas nunca conseguiram chegar a pé.

A reivindicação dos estudantes do primeiro ano é justa-ingresso de todos os estudantes na Universidade - porque só ela serve os interesses do Povo, permitindo unir a luta das massas estudantis à luta da classe operária e do Povo na frente da luta contra o desemprego, a fome e a miséria.

A alternativa dos cursos livres irá permitir às massas estudantis uma riquíssima experiência no que toca à sua aspiração a uma Escola Democrática e Popular. Ela permitirá viver a mais ampla democracia de massas a milhares de estudantes, tomar contacto com uma cultura nova, popular, científica e de massas, antever a Escola ao serviço dos operários e camponeses por um lado e por outro ter a consciência de que essa Escola a que as amplas massas aspiram é impossível na actual sociedade de exploração, miséria e fome e só será possível numa sociedade em que o poder esteja nas mãos dos operários e dos camponeses. Ela trará a consciência da necessidade da revolução para a construção da sociedade justa e feliz a que as massas aspiram ardentemente.

B) A LUTA PELA LIBERTAÇÃO DOS CAMARADAS ANTI-FASCISTAS PRESOS

As massas estudantis aperceberam-se já que a Liberdade e a Democracia dos actuais órgãos do Poder de Estado não são a Liberdade e a Democracia a que o povo e os estudantes aspiram. Eles aperceberam-se já que a Liberdade e a Democracia a que aspiram não é a que se concretiza na prisão dos anti-fascistas, na repressão sobre a Imprensa Popular, ao mesmo tempo que se protegem e apoiam partidos fascistas do tipo "CDS" ou se libertam às catadupas os pides e legionários, mas antes pelo contrário: a que permite uma ampla Liberdade e Democracia para o Povo e uma feroz ditadura para todos os reaccionários e exploradores.

Por isso os estudantes denunciam a falsa "Liberdade" e "Democracia" da burguesia, sua Junta e Governo Provisório e lutam numa ampla unidade pela libertação imediata dos anti-fascistas presos.

C) SOCIAL-FASCISTAS FORA DA ESCOLA E DAS ORGANIZAÇÕES DE MASSAS ESTUDANTIS!

Se bem que temporariamente, os estudantes estiveram na vanguarda da luta do nosso povo contra o social-fascismo.

À justa palavra de ordem "SOCIAL-FASCISTAS FORA DA ESCOLA E DAS ORGANIZAÇÕES DE MASSAS ESTUDANTIS", agentes do partido traidor do ministro Barreirinhas Cunhal eram e são expulsos um a um da grande maioria das AAEE e das escolas onde funcionam como corrente de transmissão da política burguesa do MEC e colete de forças das lutas estudantis. Assim aconteceu em Coimbra na AAC e no liceu José Falcão ante a alegria das massas em luta pela Liberdade e a Democracia e todos os oportunistas brando a 4 patas que se tratava de triunfalismo...

Os social-fascistas, não obstante continuarem a ser o inimigo principal das massas estudantis, estão cada vez mais isolados e desmasca

rados, sendo a situação mais excelente do que nunca para os expulsarmos da totalidade das escolas e organizações de massas estudantis.

A chamada Pró-"UNEP", isto é, o projecto de intersindical estudantil dos social-fascistas do P"C"P-UE"C", começa a ser cada vez mais o último reduto destes traidores.

Tão "representativa" que nenhum estudante elegeu o seu Secretariado; tão "democrática", que tudo decide nas costas dos estudantes e contra as suas deliberações, como caso actual da "Planificação do Serviço Cívico", esta organização de cúpula dos reformistas, não passa dum órgão do poder de estado para o controle do Movimento Estudantil e para a aplicação da política do MEC na Escola. Nós achamos que as organizações Democráticas dos estudantes não podem ser controladas por quaisquer poderes de estado, mas tão só directamente pelas massas estudantis.

O Estado da burguesia e todos os seus apêndices devem ser destruídos e substituídos pelos órgãos do poder popular e não melhorados por dentro e por fora como querem fazer crer uma série de oportunistas, como no caso do neo-reformistas, para justificarem a sua política reaccionária "de transformar a 'UNEP' por dentro", isto é ludibriar alguns estudantes quanto a esta possibilidade e tentar salvar a "UNEP" da luta das massas pela sua destruição mesmo antes de chegar a nascer.

FOGO SOBRE A "UNEP"!.

D) A LUTA CONTRA A SELECÇÃO BURGUESA

Para a manutenção do seu sistema de exploração capitalista, a burguesia define para a sua escola uma política de formação acelerada de "poucos mas bom quadros técnicos, burocráticos e ideológicos". Esta política cujos únicos objectivos são o lucro e a rentabilidade traz consigo um ensino altamente repressivo e selectivo. À medida que a crise da burguesia se agrava, agravar-se-ão estas características da escola burguesa - tal é a situação actual.

Face a este ensino de conteúdo reaccionário e anti-científico e à apertada selecção, repressão e opressão exercida na escola burguesa têm há muito tempo vindo a lutar os estudantes portugueses.

Na situação actual, nesta frente, é necessário sabermos qual é o aspecto e os objectivos principais desta luta se as reivindicações académicas, como dizem os defensores do estrito "sindicalismo" estudantil que mais não pretendem que encerrar nos muros da escola e neste plano de luta o movimento de massas dos estudantes, por objectivos específicos e muito concretos que "aliviem" os estudantes da apertada selecção e opressão a que estão submetidas na Escola, ou, se pelo contrário, o mais importante é levar rapidamente todos os estudantes a decidir, mesmo aqueles mais equivocados, que pensam poder ficar de fora, se querem colocar-se ao lado dos estudantes progressistas e revolucionários na luta contra a escola da burguesia por uma Escola Democrática e Popular ou se pretendem vir a ocupar por detrás de uma secretária um lugar na cadeira dos exploradores do Povo.

LEVANTEMOS BEM ALTO A BANDEIRA DA ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR!

E) A LUTA PELO SANEAMENTO

A luta pelo saneamento dos fascistas ainda existentes nas escolas é uma luta actual que há que desencadear com mais vigor e firmeza ainda.

Muitos fascistas ainda se encontram nas nossas escolas a coberto e em conluio com as Comissões de Gestão e Comissões de Saneamento reformistas. Basta olhar para a escola de Direito para vermos quanto é certo o que afirmamos até aqui e o que dizemos a seguir.

De facto o que se passa em Direito, onde começou aliás o saneamento feito pelas massas estudantis, é que esses fascistas saneados se preparam para regressar às escolas ou regressaram mesmo já.

Os estudantes também já devem estar preparados. O que se impõe

de imediato é a denuncia do conluio entre os fascistas saneados, aqueles que o não foram, permanecendo ainda nas escolas e entre todos estes e as tais comissões de saneamento e de gestão reformistas de modo a mostrar às massas a sua verdadeira natureza de fascistas nos actos e apenas socialistas nas palavras e a justeza da palavra de ordem: FASCISTAS E SOCIAL-FASCISTAS FORA DA ESCOLA!

Para levar a cabo o saneamento não há, como dizem os oportunistas de todas as cores, que substituir as comissões de saneamento existentes por outras, há sim que mobilizar as massas para amplas assembleias de faculdade para que lá se decida o respectivo saneamento de fascistas e social-fascistas.

F) A LUTA CONTRA OS DECRETOS DE GESTÃO DO M.E.C.

Por toda a parte os estudantes se começam a levantar contra o decreto anti-democrático de Gestão da Universidade do M.E.C.. Uma nova frente de luta está aberta. Depois da tentativa de aniquilar a luta da poderosa juventude do ensino secundário através de um decreto de Gestão que faria inveja aos sonhos do *"paraíso escolar"* de Veiga Simão é a vez do M.E.C. tentar a sua sorte no Ensino Universitário.

Tal como sucedeu no Ensino Secundário, o destino do decreto reaccionário e anti-democrático do M.E.C. serão de ir em pedaços para o caixote do lixo da História. A burguesia também na escola já não pode governar e na situação actual todas as suas tentativas nesse sentido encontram-se fracassadas à partida.

As massas estudantis não só calçarão aos pés o decreto do M.E.C. como se deverão servir desta luta para emparedar ainda mais os fiéis lacaios da "UEC-UNEP" que se levantam em sua defesa, bem como aqueles que querem de facto que a burguesia exerça o seu controle na escola pedinchando sua revogação e substituição por um outro talvez mais *"democrático"* e até *"discutido"* pelos estudantes, opondo-lhe o decreto das massas

estudantis sobre a questão da Gestão da Escola:

§ Único: nos cursos, nas turmas, na Escola ou na Academia é aos estudantes que compete, em amplas assembleias de massas, decidir acerca de todas as questões que lhes digam respeito.

G) TRANSFORMEMOS AS AAEE EM ORGÃOS DE VONTADE POPULAR!

A burguesia já não pode governar e a classe operária prepara-se para o poder fazer! A classe operária, o povo, os estudantes, os camponeses, etc. devem erguer os órgãos que expressem a sua vontade. Por toda a parte esta questão é de grande importância para que o povo reúna condições para poder exercer o seu Governo, concretizar a sua vontade. As grandes transformações sociais são obra das grandes massas e não de um punhado de indivíduos por mais activos e dinâmicos que sejam. A organização das massas é uma questão vital. No caso concreto do meio estudantil, a transformação das AAEE em Órgãos da vontade popular é a única forma de as tornar organizações democráticas e de massas e correias de transmissão importantes da política da classe operária para o movimento estudantil.

Esta questão, já tratada atrás, é o eixo do nosso programa e da nossa candidatura à direcção da AAC, mas nós aclaramos que não só a AAC deve ser transformada num órgão da vontade popular das massas, como eles devem ser criados por toda a parte, nos cursos, nas escolas, etc.. Eles são a melhor forma de garantir a Democracia e o carácter de massas do movimento estudantil, bem como uma forma de facilitar uma direcção progressista e a unidade do movimento de massas dos estudantes.

CRIEMOS ORGÃOS DE VONTADE POPULAR POR TODA A PARTE!

CAMARADAS:

Que este programa seja um dos muitos milhares de vínculos que deverão unir as amplas massas dos estudantes de Coimbra em torno da nossa linha política!

Que este programa seja vigorosamente discutido, criticado e empunhado pelos activistas, pelas massas, comparado com os outros e sirva de arma na luta contra todas as tendências oportunistas existentes no movimento estudantil!

POR UMA ASSOCIAÇÃO ANTI-FASCISTA, DEMOCRÁTICA E DE MASSAS!

VIVA A ESCOLA DEMOCRÁTICA E POPULAR!



(*) - Neste sentido, o Único programa progressista que permite a unidade de todos os estudantes é a seguinte plataforma em quatro pontos:

1º Lutar contra a repressão fascista pela LIBERDADE e pela DEMOCRACIA;

2º Lutar contra a escola burguesa, as suas reformas, por uma escola e uma cultura nova, democrática e popular;

3º Lutar contra o imperialismo, o social-imperialismo e o colonialismo pela PAZ e pela INDEPENDÊNCIA NACIONAL;

4º Promover a solidariedade activa e militante dos estudantes com a luta das massas populares e lutar pela integração da vida e da luta dos estudantes na vida e na luta da classe operária e do Povo.

ADENDA AO PROGRAMA DA LISTA E

PROPOSTA DE ESTATUTOS PARA A AAC

I

Princípios Gerais

A Associação Académica de Coimbra (AAC) é uma organização democrática anti-fascista e de massas.

II

Dos Órgãos de decisão

Sobre todas as questões serão sempre as amplas massas estudantis a decidir, sendo o seu órgão máximo de decisão a Assembleia Magna.

III

Dos Corpos Gerentes

1º - Os Corpos Gerentes são democráticos e directamente eleitos anualmente pelos estudantes e revogáveis por decisão democrática destes a todo o tempo.

2º - Os Corpos Gerentes são: uma Direcção Geral (sete membros); uma mesa da Assembleia Geral (quatro membros); um Conselho Fiscal (três membros). Igual número de suplentes.

IV

Das Secções

As secções da AAC são abertas e constituem-se ou extinguem-se a todo o momento por decisão democrática dos estudantes. Todas as secções,

PROGRAMA DA LISTA-E

*Os estudantes ao lado do povo
Sob a direcção da classe operária*



25 de Setembro: manifestação dos operários da TAP